



“Se abrissemos um bidão para assar umas febras, começava a terceira guerra mundial”, diz o cabo Marques, farto dos “filetes de bacalhau que não sabem a bacalhau”

TRÂNSITO
Os militares portugueses deslocam-se com total liberdade de movimentos entre o quartel (em cima) e a capital do Kosovo, Pristina (em baixo)

menos do que recebe o intérprete que trabalha junto dos soldados portugueses, que arrecada 400 euros ao fim do mês.

“Os kosovares agradecem que a KFOR os mande parar, porque assim o crime também terá de parar”, afirma Isat Dakaj, no momento em que o Opel Ascona acusa o escrutínio a que foi sujeito e se recusa a continuar a andar. Dois soldados ajudam-no a pegar de empurrão. O condutor agradece, diz adeus aos portugueses e desaparece por uma estrada secundária. Consigo leva um documento que explica a razão da acção: mero controlo, nada com que a população tenha de se preocupar, a KFOR está presente e a actuar.

Está na hora da apeada e de recolher informações junto da população. Três homens movimentam-se perto de uma casa que, tal como a maioria, não está rebocada. No Kosovo, a licença de habitação, tal como em Portugal, só é passada quando a casa está pronta.

É por isso que quase todas as construções que ladeiam a estrada de regresso a Podujevo se vestem apenas de tijolo, e tudo indica que assim irão permanecer. Eternamente inacabadas... Assim se poupa nos impostos, com a desculpa de que as reconstruções continuam, apesar de a guerra já ter ficado para trás há oito anos. As últimas camadas não significam apenas um investimento em reboco e tinta. São também um sinal exterior de riqueza, um investimento para a vida, que a maioria não pode ou não quer suportar. Além disso, não se sabe o que está para vir.

O REGRESSO ao quartel é uma viagem através da morte. Não porque ela esteja à espreita, ou porque se mostre iminente. Os disparos, quando se ouvem, são quase sempre um sinal de celebração. “Eles não têm foguetes”, brinca o major Tavares. Mas porque, na verdade, os mortos estão por todo o lado, a cada curva da estrada, junto à berma, em quintais e descampados, agora gelados. Os muitos cemitérios improvisados, alguns com cinco ou seis lápides, outros com mais, lembram constantemente a magnitude do que ali se passou. Os bandos de corvos, nos céus, acompanham a marcha fúnebre e completam o cenário mórbido... Para quem vem de fora, torna-se difícil sorrir. Talvez só quando se vê uma criança a brincar, de mochila às costas, a caminho da escola. O primeiro-cabo Marques mete o pé no travão e aguarda o sinal para avançar. Os militares portugueses de guarda à porta de armas de Jubilee Barracks verificam quem vem dentro do jipe. Só depois se pode avançar. O primeiro-sargento Neves executa os procedimentos